

Viés e revés da memória

Reflexões a partir de “Funes - o memorioso” de Borges e a doença do esquecimento em “Cem Anos De Solidão” Gabriel Garcia Marquez

Andréia Meinerz*

RESUMO

Procura-se neste artigo suscitar algumas reflexões sobre a memória e o esquecimento a partir de diálogo entre os conceitos da filosofia da experiência benjaminiana (*Erfahrung, Erlebnis*) e imagens literárias do conto de Jorge Luis Borges - “Funes, o memorioso” - e do trecho de “Cem anos de solidão”, de Gabriel Garcia Marquez, sobre a doença do esquecimento. A partir de contribuições da literatura, da psicanálise e do filósofo Nietzsche, problematiza-se a relação memória e esquecimento e discute-se a possibilidade de realização da experiência, aniquilada na modernidade.

Palavras-chave: Experiência. Vivência. Memória. Modernidade. Esquecimento.

ABSTRACT

This article attempts to evoke some considerations on memory and oblivion from the dialogue between concepts of the benjaminian philosophy of experience and literary images from the short story Funes, o memorioso ("Funes the Memorious"), by Jorge Luis Borges, and from the passage on the disease of forgetfulness in "CemAnos de Solidão" ("One Hundred Years of Solitude"), by Gabriel Garcia Marquez. From contributions of literature, psychoanalyses and the philosopher Nietzsche, the article considers the relation memory and oblivion and discusses the possibility of enduring experience even after its annihilation by modernity.

Keywords: Enduring experience. Fleeting experience/ephemera. Modernity. Memory. Oblivion.

Como trágica ladainha a memória boba se repete. A memória viva, porém, nasce a cada dia, porque ela vem do que foi e é contra o que foi.

Aufheben era o verbo que Hegel preferia, entre todos os verbos do idioma alemão. *Aufheben* significa, ao mesmo tempo, conservar e anular; e assim presta homenagem a história humana, que morrendo nasce e rompendo cria.

Eduardo Galeano – O Livro dos Abraços.

O legado do arcabouço teórico de Walter Benjamin constitui ferramenta essencial para compreensão das contradições e limites da contemporaneidade, dos excessos e faltas que a constituem. Analisar a questão da memória, a partir deste legado, requer, inevitavelmente, pensar em seu correlato, o esquecimento, fruto dos excessos de

velocidade e informação que perpassam todas as existências contemporâneas, subjetiva e objetivamente, mas que não constitui experiência narrável, digna de transmissão. Pobres de experiências (*erfahrung*), resta aos indivíduos simplesmente funcionar como autômatos, reagindo ao excesso de estímulos, inseridos na esfera da vivência (*erlebnis*), saturada de eventos e sensações.

Na esteira de Benjamin, nos propomos aqui analisar esses excessos e faltas, a partir da literatura, em diálogo com o conto de Jorge Luis Borges - “Funes, o memorioso” - e com o trecho de “Cem anos de solidão”, de Gabriel Garcia Marquez, sobre a doença do esquecimento.

No livro “Cem anos de solidão”, Garcia Marquez relata um interessante episódio: uma espécie de ato falho coletivo¹, um lapso significativo na memória dos habitantes do mítico vilarejo Macondo. Tratava-se da insônia que se alastrava como uma doença transmissível, uma peste, que afligia os moradores do povoado, e cuja evolução terrível era o esquecimento. Quando o enfermo acostumava-se a estar acordado por dias e dias, sem sentir-se cansado, num estado de “alucinada lucidez”, sua memória começava a se apagar, gradualmente. Primeiro as lembranças de infância, depois o nome e o sentido das coisas e das pessoas e, num estado terminal, esquecia-se por completo da consciência da própria existência, caindo em um estado que Márquez descreveu como “*uma espécie de idiotice sem passado*”. Resumidamente, a peste da insônia e do esquecimento assolara Macondo por um tempo significativo. Foram inúmeras, até um tanto absurdas, as tentativas de solucioná-la (que ao final sempre se mostravam infrutíferas): essas iam desde as beberagens medicinais da matriarca Úrsula, passando pelas “solenes bobagens” inscritas nas paredes, animais e ruas a fim de não esquecerem os nomes e as funções das coisas, até a construção da “máquina da memória”, uma geringonça cuja finalidade seria repassar, todos os dias, pela manhã, todos os acontecimentos adquiridos na vida:

Assim, continuaram vivendo numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, mas que haveria de fugir sem remédio quando esquecessem os valores da letra escrita. Na entrada do caminho do pântano, puseram um cartaz que dizia *Macondo* e outro maior na rua central que dizia *Deus existe*. Em todas as casas haviam escrito lembretes para memorizar os

*Andréia Meinerz é mestre em Filosofia Contemporânea pela UFRGS e professora de Filosofia do Instituto Técnico Federal do Rio Grande do Sul – IFRS – Câmpus Osório.

¹Em psicanálise, atos falhos são fenômenos que se produzem no momento em que um indivíduo se exprimir ou proceder diferentemente do que tenciona fazer. Engloba erros de expressão (lapsos), de leitura ou de audição, esquecimento de palavras, perdas incompreensíveis de objetos, etc..

objetos e os sentimentos. Mas o sistema exigia tanta vigilância e tanta fortaleza moral que muitos sucumbiram ao feitiço de uma realidade imaginária, inventada por eles mesmos, que acabava por ser menos prática, porém mais reconfortante. Pilar Temera foi quem mais contribuiu para popularizar essa mistificação, quando concebeu o artifício de ler o passado nas cartas como antes tinha lido o futuro. Com esse recurso, os insones começaram a viver num mundo construído pelas alternativas incertas do baralho, onde o pai se lembrava de si apenas como o homem moreno que havia chegado no princípio de abril, e a mãe se lembrava de si apenas como a mulher trigueira que usava um anel de ouro na mão esquerda, e onde uma data de nascimento ficava reduzida à última quarta-feira em que cantou a calhandra no loureiro. Derrotado por aquelas práticas de consolação, José *Arcadio Buendía* decidiu então construir a máquina da memória, que uma vez tinha desejado para se lembrar dos maravilhosos inventos dos ciganos.²

Mas nem uma dessas estratégias mirabolantes deu cabo ao problema. O que deu fim ao tormento dos habitantes de Macondo foi uma espécie de poção mágica trazida pelo velho cigano Melquíades que tirou de dentro da sua maleta carregada de objetos indecifráveis um frasco contendo o líquido que acenderia novamente a luz da memória.

Ironicamente, Marquez descreve o lúgubre visitante, vindo do mundo onde os homens ainda podiam dormir e recordar, como portador de um esquecimento muito mais cruel e irrevogável, diferente do esquecimento remediável do coração: o esquecimento da morte. Pois Melquíades há muito era tido como morto, desde antes da peste da insônia afligir aquela região esquecida na solidão no pântano.

Ao contrário dos personagens de “Cem Anos de Solidão”, o personagem Irineu Funes, no conto de Borges, é um moço que se lembra de tudo, incessantemente, capaz de catalogar todas as imagens da memória. Borges conta que o rapaz revia “cada folha de cada árvore de cada monte”³, como também memorava todas as vezes que tinha percebido ou imaginado tais detalhes. O memorioso, como adjetivou a imaginação de Borges, recordava cada minúcia de qualquer coisa ou acontecimento que seus sentidos presenciavam, percebendo a unicidade pormenorizada do mais ínfimo traço, como ilustra a seguinte passagem:

Nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima da mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de mil e oitocentos e oitenta e dois e podia compará-los na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas recordações não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc.. podia reconstruir os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes

²MÁRQUEZ. *Cem anos de solidão*. 1980. p. 38-39.

³BORGES, *Ficções*. 1989. p. 96.

havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém tinha requerido um dia inteiro.⁴

A prodigiosa capacidade de lembrar-se de tudo acentua a infelicidade do insólito rapaz, conforme nota o narrador. O moço, que ficara parálítico com apenas dezenove anos, após a queda de um cavalo, vivia num pobre arrabalde sul americano, junto com a mãe lavadeira. Expõe da seguinte maneira a inusitada situação:

Disse-me que antes daquela tarde em que o azulego o derrubou, fora o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado (...). Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as lembranças mais antigas e mais triviais. Pouco depois constatou que estava aleijado. O fato apenas o afetou. Discutiu (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis.⁵

A recordação minuciosa do jovem parálítico discernia continuamente os tranquilos avanços da corrupção, das cáries, da fadiga⁶ assim como notava os lentos progressos da morte e da umidade. Aprendia línguas e apreendia tudo sem esforço; inventara um vocabulário infinito para a série natural dos números e também projetara um catálogo mental de todas as imagens da lembrança. No entanto, era “incapaz de pensar” porque, como suspeita o narrador, Funes “era incapaz de idéias gerais, platônicas”, porque “pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes, não havia senão pormenores, quase imediatos”.⁷

As recordações do narrador entrecruzam-se com a descrição das lembranças do personagem.⁸ É interessante notar que no prólogo dos contos reunidos em *Ficções*, de 1944, sob o título de “Artifícios”, Borges menciona que “Funes, o memorioso”, é uma vasta metáfora da insônia.⁹ Encontramos no conto uma referência direta a esta questão:

⁴BORGES, *Ficções*. 1989. p. 94.

⁵BORGES, *Ficções*. 1989. p. 94.

⁶BORGES, *Ficções*. 1989. p. 96.

⁷ BORGES. *Ficções*. 1989. p. 97.

⁸Ao recordar detalhes das três únicas vezes que encontrou Funes, o narrador invoca este verbo (recordar), como numa oração, “recordo-o (não tenho direito de pronunciar este verbo, somente um homem na Terra teve direito e esse homem morreu)” BORGES. *Ficções*. 1989, p. 89.

⁹BORGES, *Ficções*. 1989. p.87.

“dormir havia se tornado difícil ao pobre moço porque dormir é distrair-se do mundo”¹⁰. A insônia amplia a lucidez colocando em foco minúcias que poderiam passar despercebidas as luzes do dia ou detalhes que o sono, descanso dos vivos, poderia simplesmente fazer evanescer.

Funes sempre fora afeito a algumas excentricidades, conforme delatavam as pessoas do povoado. Mas sua característica de memorioso desenvolveu-se após o fato dele ficar paralítico. Não era apenas um lento ou letárgico, como os melancólicos: Funes estava paralisado, imóvel – pernas atrofiadas, lembranças hipertrofiadas. Jogado na apatia de um rancho às margens do pampa, preso ao catre, não se movia absorto na contemplação das folhas da figueira ou da teia da aranha. À essa imobilidade soma-se o silêncio, fator a ser considerado nesta imprecisa equação que resulta no excesso de memória de Funes, excesso esse que atualmente entra para os anais das ciências neurológicas como uma afecção ou síndrome, que ainda está sendo desvendada: a síndrome hipertímica¹¹, que pode ser explicada por uma falha das estratégias utilizadas pelo nosso cérebro para nos ajudar a esquecer as coisas que não precisamos lembrar.

Enquanto as construções míticas greco-romanas a respeito de memória e esquecimento remetem à noção de verdade como algo desvelado, não oculto, as considerações do filósofo Friedrich Nietzsche reportam às observações feitas anteriormente sobre o salutar papel do esquecimento na preservação da necessária e funcional memória positiva (aquela que não lembra de tudo, como a suposta hipermetimesia do personagem de Borges, nem tão pouco ao esquecimento total experimentados pelos personagens de Marquez). Para Nietzsche, na Segunda consideração extemporânea (1983), que versa sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida, poder esquecer é prova de felicidade. Nas palavras do filósofo:

Nas menores como nas maiores felicidades é sempre o mesmo
aquilo que faz da felicidade felicidade: o poder esquecer ou, dito mais

¹⁰BORGES, *Ficções*. 1989. p. 97.

¹¹Guilherme Kujawski, no artigo “Lembrar jamais”, considera o diagnóstico da anomalia de Funes se refere a uma síndrome descoberta recentemente por neurocientistas: “Com anos de antecedência, e com certeza não intencionalmente, o escritor argentino Jorge Luis Borges diagnosticou a síndrome hipertímica no personagem Funes (de “Funes, o Memorioso”, conto do livro *Ficções*, de 1944), que é a incapacidade de o paciente esquecer fatos não relevantes de seu passado remoto, anomalia recentemente classificada por neurocientistas da Universidade da Califórnia”. A identificação de tal síndrome se deu a partir do estudo do caso de A. J., uma mulher de 42 anos, moradora da Califórnia, que se lembra de cada dia da sua vida desde a adolescência com extraordinário detalhe (MARSHALL, em “Esquecer para lembrar”).

eruditamente, a faculdade de, enquanto dura a felicidade, sentir *a-historicamate*. Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é *capaz* de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes.¹²

Na seqüência deste mesmo parágrafo, Nietzsche propõe que se pense como exemplo extremo um homem que não possuísse a força de esquecer, que estivesse condenado a ver por toda parte um vir-a-ser. É possível que Borges tenha imaginado efetivamente este homem na intrigante história de Funes, este Zaratustra dos pampas, um “*Zaratustra xucro e vernáculo*”¹³. O suposto homem de Nietzsche “não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser”¹⁴ da mesma forma que o Funes de Borges, mais do que um precursor dos super-homens, era “um garganteador de Fray Bentos, com certas limitações irremediáveis”¹⁵.

Valéria Wilke¹⁶ observa que, para o filósofo Nietzsche, memória e esquecimento relacionam-se à vontade criadora, ao caminho do criador e ao tipo ressentido. Neste sentido, a faculdade do esquecimento é concebida positivamente, como força ativa, regeneradora e curativa, visto que permite àquele que esquece a digestão de suas experiências, permite-lhe liberar-se do fardo dos acontecimentos passados. O ressentido, para Nietzsche do *Ecce Homo*, é aquele que “não consegue desembaraçar-se de nada; não sabe liquidar nenhum assunto pendente, não sabe rechaçar nada. Tudo fere. Os homens e as coisas aproximam-se indiscretamente demais; todos os acontecimentos deixam traços; a lembrança é a chaga purulenta.”¹⁷. À medida que o ressentido não esquece, desloca a atenção ao passado e não vive o presente, atrelado ao que passou, não consegue (e não quer) desvencilhar-se dessas amarras que ele mesmo cria e reproduz.

O juízo proferido por Nietzsche: “ninguém é feliz sem o esquecimento” é levado a cabo na experimentação literária de Borges, cuja desdita de Funes é a metáfora da insônia. Metáfora da insônia é também a peste que assola o povoado Macondo, de

¹²NIETZSCHE. *Segunda consideração extemporânea*. 1983, p. 58.

¹³BORGES. *Ficções*. 1989. p. 90.

¹⁴NIETZSCHE. *Segunda consideração extemporânea*. 1983, p.58.

¹⁵ BORGES. *Ficções*. 1989, P. 90.

¹⁶ Valéria Wilke (2000, p. 155) Wilke, Valéria Cristina Lopes, “Memória-esquecimento: Nietzsche e Benjamin” in Assim falou Nietzsche II, Orgs. Charles Feitosa e Miguel Barrenechea. Rio de Janeiro: Faperj, Relume-Dumara, 2000. Páginas 155 a 169.

¹⁷ (NIETZSCHE, apud WILKEN, 2000, p. 157)

Garcia Marquez, transformada num outro extremo, na doença do esquecimento, no idiotismo total. Não seria a insônia também uma espécie de metáfora de uma civilização torpe fascinada por um passado cristalizado na museificação, que não engendra a criação do futuro, que faz do passado algo a ser cultuado, estetizado, que não engendra criação de um novo futuro? Afinal, a crítica de Nietzsche já alertava: *“há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruína, seja ele um homem, um povo ou uma civilização”*.¹⁸ A crítica nietzscheana se volta para o historicismo que tentava enquadrar a história nos ditames científicos da era moderna, herança do “iluminado” século XVIII, culminando na idéia evolutiva de progresso, tão cara ao século XIX.

A história pensada como ciência pura e tornada soberana seria uma espécie de encerramento e balanço da vida para a humanidade, uma história que degenera. A cultura histórica, pelo contrário, só é algo salutar e que promete futuro em decorrência de um poderoso e novo fluxo de vida, por exemplo, de uma civilização vindo a ser. A história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma potência a-histórica e por isso nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura, como, digamos, a matemática. Mas a questão: “até que grau a vida precisa em geral do serviço da história” é uma das questões e cuidados mais altos no tocante à saúde de um homem, de um povo, de uma civilização. Pois, no caso de uma certa desmedida de história, a vida desmorona e degenera, e por fim, com essa degeneração, degenera também a própria história.¹⁹

Como consequência deste questionamento, fica a pergunta, formulada por Nietzsche (1983, p. 60): *“em que, então, é útil ao homem do presente a consideração monumental do passado, o ocupar-se com os clássicos e os raros de tempos antigos?”* Novamente, a força criativa emerge como solução a um impasse, pois o homem do presente considera que se a grandeza existiu uma vez, então ela foi possível uma vez e, sendo exequível uma vez pode ser que seja possível mais uma vez (p. 60). Isso o impele a partir para frente com ânimo e eliminar a dúvida, que por vezes o assalta, que o faria acatar a idéia de querer algo impossível.

¹⁸ (NIETZSCHE. *Segunda consideração extemporânea*. 1983, p. 58)

¹⁹ NIETZSCHE. *Segunda consideração extemporânea*. 1983, p. 60.

A questão à qual o conto de Borges remete pode ser expressa nessa conexão intrínseca entre memória e esquecimento. A memória é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos; é também aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas enquanto lembranças ou reminiscências. O esquecimento é absolutamente salutar nesse processo. O cérebro desenvolveu estratégias para eliminar informações irrelevantes ou ultrapassadas. Portanto, é necessário que este esquecimento eficiente exista para haver memória funcional. Organicamente seria enlouquecedor ter percepção e memória de cada acontecimento fisiológico que se processa no corpo. Isso provocaria uma sensação de alheamento parecida com a insanidade. Psicologicamente, manipulamos a excitação, garantindo que essa não seja nem reduzida demais e nem excessiva demais. A dor e o prazer, a fome e a saciedade, o sono e a vigília, revelam a existência e funcionamento deste processo.

Assim, no que tange à memória, vários fatores entram em questão como a ponderação entre diversos tipos de memória e as intensidades que as tornam evidentes ou atenuadas, lembradas ou esquecidas. Em linguagem psicanalítica, a interação entre consciente e inconsciente, entre o que está evidente e o que foi recalcado, revelam uma memória sempre em construção, ou seja, a recordação é uma espécie de esquecimento recuperado pela linguagem. E esse intervalo da lembrança volta com outra densidade ao ser recuperado ou reconstruído. Ainda, sabemos que o esquecimento é uma das configurações que assumem o ato falho, deslize aparentemente não intencional, revelador do inconsciente, que pode ser expresso num lapso de memória temporário.

Milan Kundera, no romance “A Lentidão”, revela que há um vínculo secreto entre a lentidão e a memória, entre a velocidade e o esquecimento²⁰. Relação que na matemática existencial toma forma em duas equações elementares: o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, já o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento²¹. Equacionados estes termos,

²⁰“Imprimir forma a uma duração é uma exigência da beleza, mas é também uma exigência da memória. Pois aquilo que não tem forma é inalcançável, imemorable. (...) Imaginemos uma situação das mais comuns: um homem andando na rua. De repente, ele quer lembrar de alguma coisa, mas a lembrança lhe escapa. Nesse momento, maquinalmente, seus passos ficam mais lentos. Ao contrário, quem está tentando esquecer um incidente penoso que acabou de viver sem querer acelera o passo, como se quisesse rapidamente se afastar daquilo que, no tempo, ainda está muito próximo de si.” (KUNDERA. *A lentidão*. 1995. p. 42.

²¹ KUNDERA. *A lentidão*. 1995. p. 43.

infere-se, então, que a memória é visivelmente mais fértil quando perpassada pela lentidão. Seria a lentidão condição de possibilidade da memória? Quem corre depressa demais quer esquecer, quem quer lembrar-se de algo, automaticamente (ou inconscientemente), desacelera?

Num desespero frenético, os indivíduos modernos tentam preencher o seu vazio existencial com um sucedâneo incessante de instantes megalomaniacos, presos ao efêmero, tudo vai se tornando descartável. A fonte de Letos (o rio do esquecimento na mitologia grega) contemporânea é a supremacia do agora. A incapacidade de lembrar dos indivíduos contemporâneos é, por oposição, tão desprovida de reflexão e pensamento quanto o excesso de memória de Funes. Marquez e Borges pautam-se pela insônia como uma doença para construir suas metáforas seja do esquecimento, seja do excesso de memória, não permitindo que haja uma relação dialética entre memória e esquecimento, donde possa nascer a memória viva, memória ativa, memória capaz de resgate do passado que permita agir no presente em prol de um futuro diferente que não seja a simples consequência da história em seu progresso *continuum* e fatalista.

Neste sentido, a proposta messiânica de Benjamin de buscar no contrapelo da história os resquícios do passado é a utopia necessária para o resgate do que foi esquecido ou do que foi sufocado e que urge por libertar-se deste esquecimento. O termo rememoração (*eingedenken*) abarca a necessidade de ir ao contrapelo, no arripio da história, metáfora presente nas teses sobre o conceito de história. Este termo sugere um lembrar-se revelador de uma intensidade e intimidade realçada por um vigor maior que a simples lembrança, memória ou recordação (*erinerung*). A rememoração se configura como uma espécie de contra memória que torna possível encarar o passado como algo inacabado, aberto a novas possibilidades. Benjamin desenvolve essa questão no seu ensaio sobre Proust intitulado “A imagem de Proust” de 1929. Proust, segundo Benjamin, não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu²². O que lhe é mais importante não é o que ele viveu, mas sim o que rememora, reconstruindo o passado com a intensidade poética dos investimentos afetivos: “o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”. Benjamin questiona se, nesse trabalho, a recordação seria a trama e o esquecimento, urdidura. O que significa esquecimento enquanto urdidura? Aquele que

²²BENJAMIN. A imagem de Proust in Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 37.

urde, o urdidor, dispõe ou arranja os fios da teia para que a trama se consolide, para que o tecido tome forma num composto interessante, para que o enredo se estabeleça. Benjamin lembra, aliás, que, para os romanos, *texto* significava aquilo que se tece. E esse tecido proustiano só toma forma perpassado pelo que Benjamin denomina “lei do esquecimento”. Assim, ele expressa a preeminência do acontecimento lembrado frente ao acontecimento vivido:

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actuspurus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação. Podemos mesmo dizer que as intermitências da ação são o mero reverso do *continuum* da recordação, o padrão invertido da tapeçaria.²³

Pode se aqui, novamente, fazer um paralelo com as lembranças de Funes. Essas não constituíam uma trama, um tecido, um texto porque não havia espaço para o imprevisível do rememorar, para a reconstrução que dá novos contornos em cujos meandros algo outro, inusitado pode surgir. No universo de Funes, não havia espaço para o inusitado ponto da recordação, apenas para a voluntariedade de sua memória, que espontânea e caprichosamente, discorria os acontecimentos vividos como contas que se perfilam num colar. A insônia de Funes produzira uma memória que era uma espécie de reservatório onde tudo se depositava; já a de Proust, uma colméia onde ele construía a casa para o enxame de seus pensamentos.

Nesse ensaio sobre Proust, a série de imagens ou metáforas que Benjamin se utiliza dão o tom e a intenção do trabalho proustiano, cujo desejo de felicidade, como um impulso frenético e avassalador, atravessa toda a sua obra. Trata-se, para Benjamin, de uma felicidade elegia que busca a restauração da felicidade primeva, o eterno uma vez mais, a busca do tempo perdido, “transformando a existência na floresta encantada da recordação”.²⁴ É no sonho, escreve Benjamin, que se ancora toda a interpretação da obra de Proust.

Um sonho, em nível individual, é uma espécie de carta que se recebe do inconsciente. A propósito, há um ditado talmúdico que diz que um sonho sem

²³BENJAMIN. A imagem de Proust. 1986. p. 37-38.

²⁴BENJAMIN. A imagem de Proust. 1986. p. 39)

interpretação assemelha-se a uma carta que não é lida. Cabe ao indivíduo a decisão de ler e interpretar o amontoado de símbolos oníricos e suas incógnitas num verdadeiro trabalho de arqueólogo que escava ruínas e revela sentidos. A psicanálise ajuda nesse processo. Geralmente, de um sonho existem mais elementos esquecidos que lembrados. Benjamin se propõe a fazer **na e com** a história o que a psicanálise faz **com e no** indivíduo, pois o autor concebe a si como intérprete político dos sonhos da história. E os sonhos da história estão no passado como as estrelas que estão no céu o tempo todo precisando da escuridão da noite para serem percebidas. É preciso o sono para que o sonho venha a tona. A insônia não permite sonhar.

Para Freud, os sonhos são indicadores de desejos ocultos inconscientes, desejos esses reprimidos ou recalcados²⁵. Por isto, Freud considera o sonho o “caminho régio” para o inconsciente. Um dos trabalhos da interpretação é transformar as imagens oníricas em forma verbal. Os elementos mais triviais são indispensáveis à interpretação dos sonhos, e cada um dos matizes de expressão lingüística em que foram apresentados atribui-se idêntica importância²⁶.

Para a psicanálise, sonho é o conjunto de imagens, lembranças ou de impulsos inconscientes, condensados, elaborados, simbolizados ou então distorcidos, que se experimenta especialmente durante o sono, mas também em outros lapsos de atenção, e cujo significado é normalmente oculto para o ego. No entanto, a definição da palavra sonho é múltipla e não se encerra no conjunto das imagens, pensamentos e fantasias que se apresentam à mente durante o sono, seja como restos diurnos ou memórias confusas e que, na maioria das vezes, têm um caráter confuso, incoerente e até bizarro. A palavra sonho comporta outras dimensões como plano e projeto, desejo vivo e intenso, fantasia e devaneio. Sonho é também, portanto, aspiração e anseio por algo que ainda não existe, ou seja, utopia.

Ao construir seu “Trabalho das passagens” (*Passagen-Werk*), Benjamin o faz como um projeto, como um sonho. Conforme Buck-Morss (2002, p. 25) na introdução

²⁵ Conforme LAPLANCHE, recalque ou recalçamento é (A) a operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter inconsciente representações (pensamentos, imagens ou recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências; B) Num sentido mais vago, o termo é tomado muitas vezes por Freud numa acepção que o aproxima de “defesa”. (LAPLANCHE, 2001, p.430) “A teoria do recalque é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise” (Freud in Laplanche, 2001, p.432)

²⁶ Escreve Freud: “em suma, tratamos como Sagrada Escritura, aquilo que os autores precedentes haviam encarado como uma improvisação arbitrária, remendada às pressas no embaraço do momento” (Freud, 1996, p.546). Tudo serve para análise do sonho: o esquecido, absurdo, ridículo, incoerente e distorcido.

de sua obra “Dialética do olhar – Walter Benjamin e o projeto das passagens”, as galerias de Paris pareceriam locais lamentavelmente mundanos para a inspiração filosófica. Mas, continua a autora, era precisamente a intenção de Benjamin fazer a ponte entre a experiência cotidiana e as preocupações acadêmicas tradicionais e seu objetivo era levar tão a sério o materialismo que os próprios fenômenos históricos chegariam a falar.

As vivências, demasiado efêmeras, fugazes, desmemoriadas, não constituem experiências autênticas. A legitimidade e veracidade da experiência podem acontecer no vislumbre do sonho. A matéria imprecisa e incerta do sonho é o ponto de partida da criação de uma experiência possível. É a partir do sonho que Benjamin sinaliza a possibilidade de experiências significativas, que acrescentem algo à existência, que façam sacudir a poeira do *continuun* da vida, interrompendo-a, como um portal que se abre para outro rumo. O sonho, em todos os seus sentidos, requer a capacidade de redimensionar a vida, apreciando-a mais lentamente. Requer desacelerar a velocidade do ritmo frenético para perceber-se como parte da paisagem. Requer nem memória em demasia (sinônimo de infelicidade, segundo Nietzsche) nem falta de memória (sinônimo de idiotice, segundo Marquez. O jogo salutar entre esquecer e lembrar, entre reter e deixar ir, compõe a trama das histórias que precisam ser recordadas para serem reinventadas.

Os seres humanos modernos estão pobres em experiência, pois o ritmo de sua vida não compreende que o sublime só acontece no tempo humano e não no tempo da máquina. Nas palavras de Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.²⁷

Larrosa está em concordância com o pensamento de Benjamin ao postular que a experiência requer um gesto de interrupção. Não se trata de paralisar, mas de interromper o *continuun*, como gostaria o anjo da história de Benjamin. Deter-se é deixar em suspenso, não somente interromper, mas ter em mãos, sustentar, consagrar e

²⁷LARROSA, 2002, p. 24.

reter. Neste suspender, é preciso achar as brechas para sustentar a vida e também estar atento para perceber a possibilidade dessas lacunas.

O anjo da história²⁸ gostaria de deter-se para cuidar das feridas das vítimas esmagadas sob o acúmulo de ruínas, mas a tempestade leva-o inexoravelmente para o futuro. Enquanto durar esta tempestade, o futuro será apenas a repetição do passado através de novas catástrofes cada vez mais destruidoras. Como então parar essa tempestade e deter o progresso? Na esfera teológica, trata-se da tarefa do Messias. A Tese XVII fala da “*interrupção messiânica do devir*”, no sentido de que o Messias rompe bruscamente os rumos atuais da história. Na esfera profana, trata-se de o homem tomar em suas mãos as rédeas da história a fim de romper seu fluxo incessante. Esse ato histórico é o movimento revolucionário apresentado por Benjamin em outra alegoria em que ele retoma uma imagem marxista, invertendo-a.

Para Marx, as revoluções são a locomotiva da história, já para Benjamin as coisas se apresentam de uma outra forma: as revoluções são o freio de emergência da humanidade que viaja neste trem desgovernado. A interrupção messiânica-revolucionária da história é a resposta de Benjamin às ameaças que faz pesar sobre a humanidade a continuidade da tempestade do progresso. Benjamin incorpora em seu pensamento os elementos da teologia judaica e do marxismo para compor a noção sincrética de redenção enquanto revolução. É para realizar o potencial utópico de felicidade que este conceito se faz necessário:

A felicidade só é concebível em termos do ar que respiramos, entre aqueles que viveram conosco. Em outras palavras, a idéia de felicidade – e isso é o que o fato notável (nossa falta de inveja pelo futuro) nos ensina – ressoa com a idéia de redenção. Esta felicidade se funda precisamente no desespero e desamparo que foram nossos.²⁹

²⁸Benjamin critica contundentemente a noção de progresso. Exemplo claro desta crítica é a clássica IX Tese sobre a filosofia da História, em alusão alegórica à obra de Paul Klee, *Ângelus Novus*: “Há um quadro de Klee que se chama *AngelusNovus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto: seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Esta tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso”. (Benjamin: 1992, p.162)

²⁹BENJAMIN apud BUCK-MORSS, 2002, p. 291.

Na poesia de Carlos Drummond de Andrade, “A Flor e a Náusea”³⁰, uma *florilude a polícia e furao asfalto, o tédio, o nojo e o ódio*. Como a flor que rompe o concreto há que se tentar localizar as brechas que permitam o resgate da memória viva, ativa, que permita o florescimento da experiência autêntica. Resgatar, à maneira benjaminiana, partindo de escombros e ruínas, o viés da memória que escapa ao ritmo do viver moderno, mesmo que oblíqua mas que consiga interromper o fluxo contínuo da insônia torpe que torna os seres humanos desprovidos de reflexão crítica. É preciso saber-se pobre, buscando nas reminiscências do passado nexos para o devir que se processa, em busca de felicidade maior, de um futuro diferente em que atrocidades não se repitam. Evocar o passado é trazê-lo à tona; é não permitir que os gritos sufocados daqueles que foram obrigados a silenciar escapem furtivamente em meio ao amontoado de ruínas, a fim de que possam reviver. A ideia de interrupção messiânica pode sugerir alternativas que interrompam a enxurrada da funcionalidade, abarrotada de eventos e informações, do controle imediato, que arrastam os contemporâneos. Lembrando Adorno e Horkheimer, a essa interrupção se coaduna a ideia de que o pensamento que nega a injustiça é a única expressão da verdade³¹ e não permitir que o pensamento se atrofie é não se resignar.

³⁰Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
Ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
Garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
[...]
É feia. Mas é uma flor.
Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”
(ANDRADE, 2007, p. 118-119)

³¹In Ricardo Timm de Souza. Adorno & Kafka: paradoxos do singular. Passo Fundo: IFIBE, 2010. P. 53.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Carlos Drummond. Poesia completa: conforme as disposições do autor/ Carlos Drummond de Andrade; fixação de textos e notas de Gilberto Mendonças Teles; introdução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2007.
- Benjamin, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Traduzido por José Martins Barbosa e Hemerson Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas; v.III)
- Benjamin, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v.I). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- Benjamin, Walter. Teses sobre a filosofia da história. In Sobre Arte, Técnica, Magia e Política. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- Borges, Jorge Luis, Ficções. Tradução Carlos Nejar. 5. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- Buck-Morss, Susan. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens. Tradução de Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Ed. Universitária Argos, 2002.
- Gagnebin, Jeane Marie. Walter Benjamin ou a história aberta.in: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Kujawski, Guilherme. Lembrar jamais. Revista Continuum Itaú Cultural. jan-fev 2008. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2720&cd_materia=323>. Acesso em: 28 Abr 2008.
- Kundera, Milan. A lentidão. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- Larrosa, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Nº 19. Jan-Abr 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf. Acesso em 20/05/2008.
- Laplanche, Jean. Vocabulário de Psicanálise. Tradução Pedro Tamen. 4ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- Márquez, Gabriel García. Cem anos de solidão. São Paulo: Record, 1980.
- Marshall, Jessica. Esquecer para lembrar.Revista *Scientific American*. Disponível em: www.methodus.com.br/artigos/alta-performance/esquecer-para-lembrar.asp. Acesso em: 15/06/2008.
- Missac, Pierre. Passagem de Walter Benjamin. Tradução: LilinEscorel. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- Nietzsche, Friedrich Wilhelm, Obras incompletas /Os pensadores. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho ; — 3. ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1983.
- SOUZA, RicardoTimm. Adorno & Kafka:paradoxos do singular. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

Wilke, Valéria Cristina Lopes, “ Memória-esquecimento: Nietzsche e Benjamin” *in* Assim falou Nietzsche II, Orgs. Charles Feitosa e Miguel Barrenechea. Rio de Janeiro: Faperj, Relume-Dumara, 2000. Páginas 155 a 169.